Produção e comercialização de alimentos agroecológicos: o caso da 3º Feira Nacional da Reforma Agrária

Deyvison Lopes de Siqueira[1]
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira[2]

RESUMO
As feiras são estratégias históricas para os camponeses comercializarem seus produtos diretamente aos consumidores, construindo espaços diferenciados frente aos mercados convencionais. Nesse contexto, as feiras da Reforma Agrária são espaços importantes de comercialização, ao mesmo tempo que estimulam várias formas de cooperação e solidariedade aos assentamentos e acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Assim, o objetivo deste ensaio é analisar a importância da feira nacional da Reforma Agrária na produção e comercialização de alimentos agroecológicos, oriundos de um processo de transição agroecológica. No escopo metodológico destacam-se: a revisão de literatura, a observação participante através do acompanhamento de algumas atividades da feira, o trabalho de campo em alguns assentamentos vinculados ao MST no Norte de Minas Gerais e o mapeamento das feiras orgânicas e agroecológicas no Brasil. Assim, constata-se que o espaço da feira, além de comercializar os produtos dos camponeses de vários estados, é espaço de formação político-cultural que facilita o debate entre os camponeses (as) e a população urbana, evidenciando a intrínseca relação campo-cidade, a partir das práticas alimentares.

Palavras-chave: Camponeses; Feiras; Policultivos; Transição Agroecológica.

Production and commercialization of agroecological food: case study of the 3rd National Agrarian Reform Fair

ABSTRACT
Fairs are historical strategies for farmers to sell their products directly to consumers, building differentiated spaces compared to conventional markets. In this context, Agrarian Reform fairs are important marketplaces, while stimulating several forms of cooperation and solidarity with the settlements and camps of the Landless Rural Workers' Movement (MST). Thus, the aim of this essay is to analyze the importance of the national Agrarian Reform fair in the production and trade of agroecological foods, arising from an agroecological transition. Methodology dealt with literature review, participant observation through the monitoring of some activities of the fair, field work in some settlements linked to the MST in the North of Minas Gerais and the mapping of organic and agroecological fairs in Brazil. So, it seems that the fair place, in addition to selling the products of peasants from various states, is also a zone of political and cultural development that promotes conversation between rural workers and the urban population, highlighting the intrinsic town-country relationship, based on eating practices.

Keywords: Peasants; Fairs; Polyculture.; Agroecological transition.

Introdução

As feiras organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST revelam a amplitude da luta pela terra no Brasil, e, sobremaneira indicam a relação campo – cidade e sua indissociabilidade ao refletir as práticas alimentares e a transição agroecologia em curso,

[1] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Estadual de Montes Claros; Bolsista FAPEMIG. E-mail: deyvisonsiqueira@yahoo.com.br
[2] Professor do Departamento de Geociências e PPGEO – Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: gustavo.cepolini@unimontes.br

fortalecendo a segurança e soberania alimentar no país (PORTO-GONÇALVES, 2012; MST, 2019). Por isso, parte-se do pressuposto que o campesinato é a base social e territorial da agroecologia, e, consequentemente, do Desenvolvimento Rural Sustentável a partir de uma análise sobre o campo brasileiro (FERREIRA; CEPOLINI, 2018).

De acordo com Pereira et al. (2017), as feiras livres são um importante espaço de comercialização dos produtos do campesinato, e constituem-se como um ambiente de socialização, identidade regional e cultural e também de articulação política. Nesse devir, pode-se inferir que estas contribuem para a construção de uma agroecologia plena, como indicado por Biase (2010), ao reconhecer a tríade: ecológica, sociológica e agronômica.

Neste mesmo contexto, Pereira et al. (2017), ressaltam que as feiras livres são um importante canal de comercialização, e, possibilitam a territorialização do campesinato, evidenciando, portanto, as questões agrárias e camponesa no marxismo (MARCOS; FABRIN, 2010). Por isso, apresentam uma verdadeira teia de relações fazendo delas um - lugar social de trocas - não apenas materiais, mas também, imateriais (sociais, históricas e culturais). Polanyi (2012), sustenta tais leituras ao reafirmar o papel do mercado como o lugar de troca da vida material, bem como através de uma prática que antecede o capitalismo e, por conseguinte, é guiado por controles sociais, éticos e morais. Assim, terra, o trabalho e o dinheiro passem a ser subordinados ética e culturalmente à sociedade, como bem comum, como foram até o advento do capitalismo, que passou a subordinar a terra, o trabalho e o dinheiro sob a égide do mercado.

Para Ribeiro (2007), essas feiras são mais que locais de comercialização. Nelas circulam bens, culturas, identidades e territorialidades. Trata-se de cruzamentos entre a economia e a cultura, retratos do campesinato brasileiro que mostram uma classe no seio da sociedade capitalista. São práticas que consolidam uma agricultura radicalmente oposta ao agronegócio, constituindo uma resistência respaldada por um modo de produção, uma soberania, e quiçá a consolidação de uma rede agroecológica nos princípios da economia solidária[3].

Uma das maiores expressões das feiras livres e de alimentos saudáveis[4] auto-organizada pelos camponeses/as é a Feira Nacional da Reforma Agrária do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

[3] Sobre esses desdobramentos ver: Santos (2010), Boff (2012) e Ferreira e Cepolini (2018).

[4] Em relação à nomenclatura "alimentos saudáveis", destaca-se que o MST adota tal dimensão para realizar o debate público com a população, sobremaneira, a urbana. No bojo das discussões teóricas e políticas cabe salientar a sua diferenciação paradigmática entre alimentos saudáveis, orgânicos e agroecológicos. Nesse sentido, cabe mencionar o Plano Nacional "Plantar Árvores, Produzir Alimentos Saudáveis" lançado pelo MST em Belo Horizonte-MG em fevereiro de 2020, cujo objetivo é realizar a recuperação de áreas degradadas por meio da implementação de agroflorestas e quintais produtivos. A proposta do referido Programa é que nos próximos 10 anos, famílias acampadas e assentadas Sem Terra e a sociedade em geral plantem 100 milhões de árvores em todos os estados do país, ou seja, trata-se de uma proposta para plantar árvores em consonância com os demais cultivos alimentares sob o prisma agroecológico. Maiores informações em: <https://mst.org.br/2020/02/07/100-milhoes-de-arvores-conheca-o-plano-nacional-de-plantio-do-mst/>. Acesso em: 11 set. 2020.

organizado por camponeses e assentados e acampados do MST de 23 Estados e Distrito Federal. A Feira Nacional da Reforma Agrária, organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, são espaços em que as famílias camponesas de assentamentos e acampamentos da Reforma Agrária de todas as regiões do país mostram a qualidade e a diversidade dos seus alimentos, mostrando que a democratização da terra é importante, e que é possível produzir alimentos saudáveis, de base agroecológica[5]. Foram realizados até 2018 três edição da feira sendo a primeira edição da feira nos dias 22 a 25 de novembro de 2015, a segunda edição da feira foi realizada no período de 02 a 04 de maio de 2017 e a terceira edição entre os dias 3 a 6 de maio de 2018 que ocorreu na cidade de São Paulo.

A feira Nacional da Reforma Agrária é uma materialização da organização de feiras locais e estaduais que o MST vem organizando há mais de uma década, a partir da produção de acampamentos e assentamentos rurais em diversas formas de organização social e produção. A feira foi realizada no Parque da Água Branca, espaço que deu visibilidade à cultura popular, e viabilizou o diálogo entre os camponeses e a sociedade paulistana quanto à necessidade de um novo modelo de alimentação, sem uso de agrotóxicos ou fertilizantes químicos, visando a produção agroecológicas nas área de atuação do MST. Este modelo de produção contrapõe-se ao modelo adotado pelas grandes empresas, que utilizam grandes quantidades de agrotóxicos em sua produção, sendo direta e/ou indiretamente ingeridos pela população brasileira, além de serem exportados, ou seja, há um ciclo do envenenamento (BOMBARDI, 2017).

O Quadro 1 apresenta outras experiências de feiras que estão sendo promovidas pelos camponeses (as) do MST em outros estados, criando redes de comercialização dos produtos da Reforma Agrária para a população da cidade[6].

[5] Trata-se de um base cientifica, metodológica e técnica para "[...] uma nova revolução agrária não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Os sistemas de produção fundados em princípios agroecológicos são biodiversos, resilientes, eficientes do ponto de vista energético, socialmente justos e constituem os pilares de uma nova estratégia energética e produtiva fortemente vinculada à noção de soberania alimentar (ALTIERI, 2012, p. 15).

[6] Desde 2019 a Feira Nacional da Reforma Agrária compõe o calendário oficial de eventos da cidade de São Paulo através da Lei Nº 17.162 de 30 de agosto de 2019, disponível em: <https://mst.org.br/2019/09/04/agora-e-lei-feira-da-reforma-agraria-entra-no-calendario-oficial-de-eventos-de-sp/>. Acesso em: 10 mai. 2020.

Quadro 1: Feiras da Reforma Agrária das famílias camponesas em outros estados

Edição	Período	Ano	Estado
II Feira de Produtos da Reforma Agrária	04 a 07 de setembro	2019	Espírito Santo
5ª Feira do Feijão Orgânico de Piratini	29 de maio	2019	Rio Grande do Sul
I Feira Capixaba de Produtos da Reforma Agrária	01 a 03 de setembro	2016	Espírito Santo
20ª Feira da Reforma Agrária	04 a 07 de setembro	2019	Alagoas
10ª Feira da Reforma Agrária Cícero Guedes	10 de dezembro	2018	Rio de Janeiro
3º edição da Feira Estadual da Reforma Agrária	13 a 15 de setembro	2018	Pará
1ª Feira Regional de Agroecologia do Brasil	27 e 28 de setembro	2019	Bahia
5° Edição da Feira Estadual da Reforma Agrária	25 a 27 de julho	2019	Bahia

Fonte: MST, 2019. Org. os autores, 2019.

Dentre os 23 estados e o Distrito Federal que estiveram presentes na Feira, acompanhou-se participação das famílias assentadas e acampadas da região Norte de Minas, organizadas por meio da Cooperativa Camponesa Veredas da Terra. A cooperativa criada por camponeses assentados e acampados da Reforma Agrária da região Norte de Minas Gerais[7]. A Tabela 1 apresenta os produtos que a Cooperativa comercializou na feira, o que deu visibilidade e valorizou a produção local das famílias camponesas do Norte de Minas Gerais, bem como os alimentos advindos do extrativismo[8] do Cerrado norte mineiro.

Tabela 1: Produção dos Assentamentos e Acampamentos comercializados na feira 3ª Feira Nacional da Reforma Agrária

Assentamento/Acampamento	Produto	Nº famílias	Município
Assentamento Darcy Ribeiro	Poupa de tomate, geleia de umbu, licor de umbu, rapadura	23	Capitão Éneas
Assentamento Estrela do Norte	Doce de baru	31	Montes Claros
Acampamento Professor Mazan	Abóbora	19	Bocaiúva
Acampamento Eloy Ferreira	Mel - florada de Aroeira	37	Engenheiro Navarro
Total de famílias/municípios		110	04

Fonte: Trabalho de Campo. Org. os autores, 2018-2019.

É importante ressaltar, baseado na Tabela 1, que além do cultivo das linhas produtivas (milho, feijão, mandioca e hortaliças), lavouras que as famílias camponesas dos assentamentos e acampamentos tradicionalmente produzem, o beneficiamento das frutíferas do Cerrado na região, também vem se

[7] A constituição da Cooperativa ocorreu em 10 de novembro de 2007, resultado de um amplo debate em áreas de assentamentos e acampamentos, destacando a necessidade da agricultura camponesa avançar, na organização de processos agroindústrias e na comercialização, como forma de agregação de valor aos produtos dos assentamentos e acampamentos da região Norte de Minas.
[8] No contexto ora apresentado, estamos compreendendo tais práticas tradicionais através da coleta de produtos nativos do Cerrado, quais sejam: frutas, sementes, raízes, flores, ceras, óleos etc.

tornando uma alternativa de geração de renda e oportunidade de trabalho no campo para mulheres, homens e jovens das famílias cooperadas das áreas de assentamentos e acampamentos da região. A exemplo dos assentamentos do MST no Norte de Minas Gerais, que representam elementos de uma produção camponesa de resistência histórica ao modelo imposta, sob a égide da Revolução Verde e apresentam um importante registro referente à produção de sementes agroecológicas de hortaliças (SIQUEIRA; FERREIRA 2019).

Os espaços de feiras, que o MST vêm organizando em nível local, regional e estadual, são uma estratégia útil para comercialização da produção dessas famílias camponesas, que resistem à perversa lógica do mercado convencional[9], atendendo àqueles que querem adquirir os produtos dos camponeses a preços baixos. Nas feiras, esses camponeses conseguem vender seus produtos diretamente para o consumidor, com preços melhores, além da oportunidade de mostrar os produtos sem agrotóxicos ou conservantes, fato que deixa as famílias que lidam diuturnamente no campo, mais otimistas ao retornarem para seus assentamentos e acampamentos nas várias regiões do Brasil.

Breve contexto da reforma agrária no Brasil

A histórica e contraditória questão agrária brasileira é indissociável do debate político, econômico, social, ambiental e territorial, e está intimamente ligada à concentração da terra pelo latifundiário, a desigualdade regional, o empobrecimento da população rural, entre outras dimensões advindas da agricultura capitalista (STÉDILE, 2012).

Nesse contexto, Fernandes (2008, p. 01), reafirma que a questão agrária é uma questão territorial, e a "reforma agrária é uma política territorial que serve para minimizar a questão agrária". Por isso, frisa-se que a questão agrária, é um "problema estrutural do capitalismo", que causa inúmeras desigualdades.

Amin (2012, p.12), reforça que a questão agrária se atualiza, mas segue sendo filha do desenvolvimento desigual do capitalismo. Assim, é necessário analisar o contexto histórico e a conjuntura política e social do momento atual, para mostrar que a questão agrária no Brasil segue vigente e representa um cenário atroz em relação a concentração de terras, dominado pelos grandes latifundiários-grileiros, cujos interesses remetem aos diferentes poderes, entre eles a Bancada Ruralista no Congresso Nacional (COSTA, 2012). Ou seja, trata-se do desenvolvimento do modo de produção capitalista em todo o território, sob a égide da mundialização, trazendo um

[9] Leia-se: atravessadores, comerciantes, varejistas, CEASAS etc, cuja finalidade está atrelada às redes de supermercados.

cenário bastante complexo e desigual no uso, e, sobremaneira, no cumprimento da função social da terra no país.

Nesta perspectiva, destacam-se a concentração de terras, créditos, a burocratização estatal que cria leis incompreensíveis aos camponeses, criminalização dos movimentos sociais agrários etc. Assim, reitera-se que a ausência da reforma agrária intensifica as desigualdades e conflitos no campo. Por isso, os Sem Terras, posseiros e os/as trabalhadores/as seguem na eterna marcha pela terra no país[10]. Portanto, a elaboração e implementação da política de Reforma Agrária para o campo brasileiro é fundamental, porém, muito difícil no contexto de constante criminalização dos movimentos que lutam para construí-la historicamente no Brasil.

Produção agroecológica: uma transição possível

Desenvolver a produção de alimentos agroecológicos nas áreas de assentamentos e acampamentos do MST é uma das principais estratégias dos camponeses para alcançar segurança e soberania alimentar. Para além da produção das famílias, os camponeses acreditam ser necessário produzir em escala que sejam capazes de atender as demandas da população brasileira do campo e da cidade. Altieri (2010, p.23), reitera que: "diante dessas tendências globais, os conceitos de soberania alimentar e sistemas de produção baseados na agroecologia ganharam muita atenção nas duas últimas décadas". Nesse devir, Altieri (2012, p. 24) define soberania alimentar como:

> [...] direito de cada nação ou região a manter e desenvolver sua capacidade de produzir colheitas de alimentos básicos com a diversidade de cultivos correspondente. O conceito emergente de soberania alimentar enfatiza o acesso dos agricultores à terra, às sementes e à água, enfocando a autonomia local, os mercados locais, os ciclos locais de consumo e de produção local, a soberania energética e tecnológica e as redes de agricultor a agricultor.

Nesta perspectiva, Costa Neto e Canavasi (2003), salientam que os assentamentos rurais, sobretudo aqueles organizados pelo MST, representam hoje no Brasil um princípio agroecológico importante. Nesse mesmo contexto, esses assentados vivenciam a transição agroecológica, ou seja, o caminho para produzirem na terra com diversidade, construindo assim uma vida digna com autonomia local e segurança alimentar regional, possibilitando ainda, participarem de um projeto alternativo para o campo e para o país (CEPOLINI; FERREIRA, 2014).

Organização da produção e cooperação: o papel das ações das Cooperativas da reforma agrária

Um dos princípios da organização da produção desenvolvida nas áreas de assentamentos e

[10] Referimo-nos aos estudos de Oliveira (2001).

acampamentos do MST é a cooperação; essa cooperação acontece de inúmeras formas, seja através de mutirão, grupos de produção coletiva, cooperativas, associações[11].

Segundo Fabrini e Marcos (2010), o MST apresenta diversos tipos de cooperativismo, como mutirões e trocas de serviço, núcleos de produção, associações, grupos semicoletivos e coletivos e cooperativas de prestação de serviços, de crédito e de produção agropecuária (Cooperativas de Produção Agropecuária – CPAs).

Dessa maneira, a discussão em relação ao avanço das práticas coletivas nas áreas de Reforma Agrária vem se consolidando através da criação de organizações cooperativas, que têm o papel de organizar as famílias, sendo uma ferramenta estratégica no processo de beneficiamento e comercialização da produção nos vários mercados, sejam eles formais ou informais, neste último caso as feiras livres.

Portanto, é importante reiterar os objetivos basilares do MST, no que diz respeito a seu trabalho de cooperação no âmbito da reforma agrária, em consonância com o fortalecimento de sua influência em rede, nos processos de desenvolvimento político regional, estadual e nacional.

Comercialização de alimentos agroecológicos

Comercializar uma variedade de alimentos agroecológicos, produzidos através de sistemas agroecológicos, nas várias áreas de Assentamentos e Acampamentos do MST em vários territórios do país, sempre foi um grande desafio. As feiras locais, estaduais e nacionais são uma estratégia que vem sendo desenvolvida pelo MST, como uma oportunidade de reunir os camponeses(as) feirantes, e expor as várias experiências de cooperativas, diversidade cultural e de produção de alimentos agroecológicos para a população da cidade, construídas pela organização e baseadas nos princípios do MST. As figuras a seguir evidenciam parte da diversidade de alimentos produzidos nas áreas de Reforma Agrária e comercializados na terceira edição da feira.

[11] Reitera-se que a cooperação agrícola sempre esteve presente nas discussões e ações históricas dos trabalhadores organizados no MST (ZAVASKI, 2009).

Figuras 1 e 2: Espaço da feira no Parque da Água Branca em São Paulo



Fonte: MST. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/05/sao-paulo-recebe-a-3a-feira-nacional-da-reforma-agraria/>. Acesso em: 05 de nov. 2019.

Trata-se, portanto, de um processo que "[...] vem ocorrendo através da comercialização desses alimentos em espaços como feiras e estratégias de comercialização por meio de cadeias agroalimentares curtas" (FORCHESATTO, 2018, p. 122). A comercialização de alimentos agroecológicos na acepção do MST (2005) carrega consigo a soberania alimentar como um direito dos povos ao definir suas próprias estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos, bem como reforça a potencialidade da agricultura camponesa, da reforma agrária e, por, conseguinte da construção de um outro projeto nacional.

Troca de experiências culturais

A feira em si é um grande mecanismo para intercambiar experiências entre os camponeses, associações, cooperativas, e outras organizações sociais do campo e da cidade, tais como a troca de sementes e de compra e venda de produtos[12].

Percebe-se a importância para os feirantes de norte a sul do Brasil, os quais evidenciam a necessidade de realizar mais espaços como este, principalmente, pelo intercâmbio de ideias com a população de São Paulo. Nesses espaços são expostos para a população paulistana a realidade dos camponeses de cada região sobre o processo da produção até a comercialização, demostrando a preocupação com as questões ambientais e de saúde, que é propiciada por meio da produção agroecológica.

[12] Ressalta-se que "das estratégias gestadas pelo campesinato, aquela que pode ser identificada como um manifesto camponês contra a homogeneização da produção e do alimento é a dos bancos de sementes crioulas (ou a paixão, da gente, da resistência, da fatura, a depender da região onde são produzidas). São sementes que possuem identidade local, são transmitidas de geração em geração e se adaptam às condições naturais de produção". (MARCOS, 2019, p. 101).

As trocas de experiências entre os camponeses durante a feira perpassam pelos aspectos da organização da produção agroecológica, processos agroindustriais, cooperação, estratégias de comercialização e aspectos culturais de cada regional do MST, dos vários estados presentes na feira. Esse intercâmbio de saberes e territorialidades são importantes e permitem aos camponeses(as), no retorno para suas regiões, levarem novas alternativas que facilitem as práticas de produção e comercialização de seus produtos em cada assentamento do MST, nos seus respectivos municípios e regiões.

Durante os quatro dias de evento, várias experiências, das diversas regionais do MST dos estados, foram expostas para os participantes das regiões e para a população paulista que prestigiaram a produção das famílias camponesas. Essas experiências, organizadas pelas famílias, estão gerando trabalho e renda além de possibilitarem a melhoria constante dos assentamentos rurais, conforme apresentado na tabela a seguir. Esses são alguns dos vários produtos que foram comercializados no espaço da feira.

Quadro 2: Recorte de algumas experiências de produção das áreas de assentamentos e acampamentos do MST, por município e estado que foram comercializados na feira em São Paulo

Tipo de experiência	Assentamento/Acampamento	Município	Estado/Região
Arroz orgânico	Assentamento Integração Gaúcha, Assentamento Lagoa do Junco, Assentamento Capela.	Charqueadas, Capela de Santana, Eldorado do Sul, São Jerônimo, Canguçu, Manoel Viana, Tapes, Arambaré, Nova Santa Rita, Viamão, Capivari do Sul, Guaíba e Santa Margarida do Sul	Rio Grande do Sul
Café orgânico	Assentamento Primero do Sul e Assentamento Santo Dias.	Campo do Meio e Guapé.	Sul de Minas
Açúcar mascavo	Assentamento Santa Maria	Paranacity	Noroeste do Paraná
Leite Orgânico	Assentamento Santa Maria	Paranacity	Noroeste do Paraná
Mel florada de aroeira	Acampamento Eloy Ferreira	Engenheiro Navarro	Norte de Minas Gerias
Doce de baru	Assentamento Estrela do Norte	Montes Claros	Norte de Minas Gerais
Polpa de tomate e Geleia de umbu	Assentamento Darcy Ribeiro	Capitão Éneas[13]	Norte de Minas Gerais

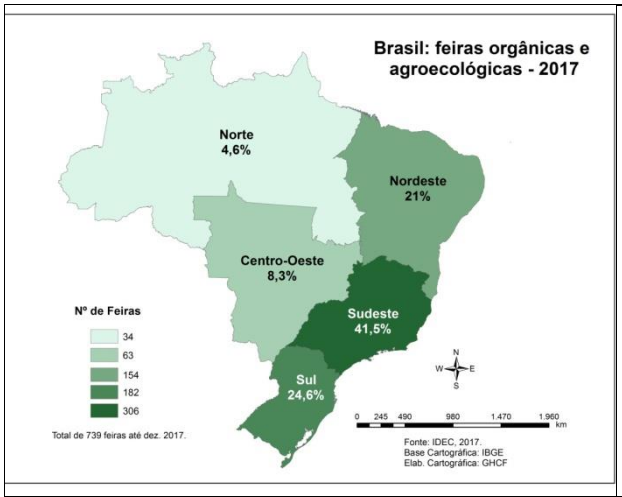
Fonte: Trabalho de Campo. Org. os autores, 2018-2019.

[13] Sobre a produção de sementes agroecológicas, indica-se o caso na BIONATUR nos assentamentos do MST no Norte de Minas Gerais (SIQUEIRA; FERREIRA, 2019).

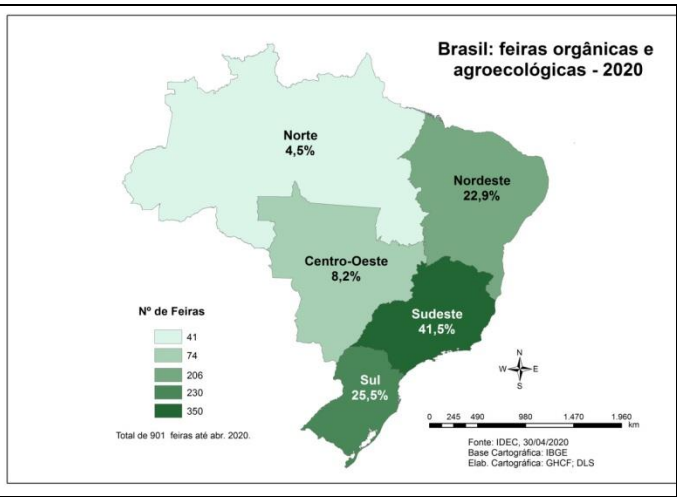
As informações apresentadas no Quadro 2, revelam parte do potencial das experiências das famílias camponesas na região Norte de Minas, que, mesmo diante dos desafios climáticos e econômicos, vêm resistindo nas áreas de Reforma Agrária, ao mesmo tempo que desenvolvem alternativas, principalmente no âmbito da agroindustrialização, para o processamento de alguns frutos do Cerrado, melhorando a geração de trabalho e renda. As famílias participam da Cooperativa Camponesa Veredas da Terra, que é um dos meios de organização dos camponeses na região, desenvolvendo, além das experiências citadas no quadro, outras experiências de produção, tais como: a produção de sementes agroecológicas de hortaliças; a agroindústria da cana-de-açúcar, com a produção de rapadura e açúcar mascavo; viveiros de mudas nativas e frutíferas; grupo de mulheres; bem como as feiras, que é um dos principais canais de venda dessa produção camponesa na região Norte de Minas Gerais.

Cabe ressaltar o papel social e territorial das feiras, relacionando-as ao mapeamento amplo no Brasil, conforme pode-se verificar nas figuras a seguir, as quais nos permitem inferir que no período entre 2017 e abril de 2020 tivemos um aumento de 18% das feiras orgânicas e agroecológicas no país, passando de 739 para 901 feiras.

Figuras 4 e 5: Feiras Orgânicas e Agroecológicas em 2017 e 2020[14]



Fonte: FERREIRA; CEPOLINI, 2018, p.23



Fonte: IDEC, 2020. Org. Os autores

São exemplos fundamentais para compreensão da recriação do campesinato brasileiro, e papel da relação campo-cidade para um outro desenvolvimento do campo brasileiro. Marcos (2019, p. 93), salienta que tais exemplos revelam a resistência camponesa:

[14] No mapa de 2020, o IDEC – Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, incorporou além das feiras orgânicas e agroecológicas, os comércios parceiros de orgânicos e grupos de consumo responsável; esse último baseado nos primórdios da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), para maiores detalhes das definições e proposições, consultar: <https://feirasorganicas.org.br/o-que-e/>. Acesso em: 28 jul. 2020.

> [...] no campo brasileiro, como os bancos de sementes crioulas, a produção agroecológica e a comercialização da produção também em outras lógicas reguladoras, como as feiras agroecológicas, as experiências das Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA) e os grupos de compra solidários [...].

Assim, o MST e os demais movimentos sociais e socioterritoriais possuem um papel elementar nessa árdua transição agroecológica pela via alimentar, política, cultural e econômica no país[15].

Resultados e discussões: balanço econômico, cultural e político da feira

A pesquisa apontou que, durante os quatro dias da 3ª edição da Feira Nacional da Reforma Agrária, ao todo, foram 420 toneladas de produtos de diversos tipos comercializados por 1.215 feirantes assentados e acampados. Em relação à Culinária da Terra, foram oferecidos à população 75 pratos diferentes, oriundos de várias regionais do MST. É importante destacar que foram comercializados na feira 1.530 tipos de alimentos *in natura* e agroindustrializados, sendo alguns produzidos de forma agroecológica, além de artesanatos, sementes e mudas. A participação da população da maior capital do país foi muito importante onde foi possível a participação de aproximadamente 260 mil pessoas. A feira também proporcionou atrações artísticas e culturais, contando com intervenções e shows de 376 artistas de todos os estados brasileiros. Foi um evento que unificou as lutas pela terra e pela alimentação agroecológica e que também envolveu formação política, cultural, social, ambiental, entre outras; como exemplo, destacam-se as manifestações, cartas e lei municipal que incluiu a feira nacional no calendário da cidade de São Paulo[16].

Destaca-se ainda, que durante o evento foram organizadas cozinhas de pratos típicos de cada região, totalizando 24 cozinhas. O espaço das cozinhas contou com a participação de mais de 250 pessoas trabalhando diretamente, sendo servidas cerca de 10 mil refeições durante os dias da feira. Trata-se de uma estratégia para revelar os “sabores e saberes”, ou seja, a apropriação da natureza regional, conhecimento e segurança alimentar como cunhou Porto-Gonçalves (2012).

Vale ressaltar que os camponeses(as), vindos dos quatro cantos do Brasil, trouxeram à capital paulista sua produção in natura e também agroindustrializada, todos os produtos continham o sabor marcante das lutas históricas dos camponesas(as) em vários territórios. "Cada marcha, cada ocupação de terra que realizamos, tem o objetivo de construir um modelo de vida digno no campo,

[15] Concorda-se com Forchesatto (2018, p.130) ao indicar que “Para o MST, a agroecologia é vista como um modo de produção, em contraposição ao agronegócio e suas práticas nocivas à vida em sociedade. Mas, muitos são os desafios para a sua implantação. Ações práticas são fundamentais para que essa aproximação aconteça. As mulheres possuem um papel fundamental nesse processo. No que tange à compreensão das mulheres sobre o tema da agroecologia, ainda existem limites. A realização de atividades de formação é fundamental para contribuir com esse processo”.

[16] Por meio do projeto de Lei 17.162 publicado em 30 de agosto de 2019 no Diário Oficial do Município, de autoria do vereador Jair Tatto (PT), a Semana da Feira Nacional da Reforma Agrária entra para o Calendário Oficial de Eventos da Cidade de São Paulo, disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/2019/1716/17162/lei-ordinaria-n-17162-2019-altera-a-lei-n-14485-de-19-de-julho-de-2007-para-incluir-no-calendario-de-eventos-da-cidade-de-sao-paulo-a-semana-da-feira-nacional-da-reforma-agraria>. Acesso em: 01. Set. 2020.

com produção de alimentos saudáveis e mais renda para o trabalhador", diz Antônia Ivoneide, da direção do MST (MST, 2019).

Formação política e diálogo com a sociedade

Umas das estratégias do MST para implementar o Programa da Reforma Agrária Popular no Brasil, é o diálogo com a sociedade sobre o valor da produção de alimentos agroecológicos pelas famílias camponesas de áreas de assentamentos e acampamentos em diferentes estados brasileiros. Assim, a Feira Nacional da Reforma Agrária, vem se tornando um espaço importante para as famílias camponesas comercializarem sua produção e, sobremaneira, mostrarem que é possível produzir alimentos naturais e frescos, produzidos de forma agroecológica, sem a utilização de venenos, conservantes, ou produtos químicos.

No espaço da feira, o conhecimento dos camponeses foi apresentado para um grande número de participantes da cidade de São Paulo, provando que é possível construir processos de produção novos, baseados nos princípios da Reforma Agrária – Agroecológica, para além do acesso à terra, por meio de alianças entre as famílias, visando a produção de alimentos saudáveis e agroecológicos, além de permitir a autonomia dos camponeses(as) frente às contradições do modo capitalista de produção que detém o controle dos processos de produção. Destarte, os camponeses(as) passam a gerir os meios de produção, em seu assentamento ou acampamento, gerando trabalho, segurança e soberania alimentar no campo e na cidade.

O que prova que o mundo não é uma mercadoria, como frisaram Bové e Dufour (2001), ao analisarem a conjuntura da agricultura camponesa que respeita o camponês e corresponde às expectativas da sociedade, ao cumprir um papel elementar na alimentação, o de incentivar o meio rural ao subsidiar a necessidade de bens e serviços prestados pela agricultura, respeitando a paisagem e a gestão do território, tendo uma dimensão social respaldada pelo emprego, sociabilidade e solidariedade entre os camponeses do mundo, além de ser economicamente viável, respeitando os consumidores e a natureza.

Considerações finais

Constatou-se que a feira da Reforma Agrária é um espaço fundamental para promover a comercialização de produtos diversos, seja *in natura* ou agroindustrializados, produtos agroecológicos de qualidade, todos comercializados com preços justos para a população da cidade. Evidencia-se, assim, a indissociabilidade entre campo-cidade na promoção de espaços de formação político-cultural, assegurando a geração de renda aos camponeses em consonância com a construção de um modelo de vida e trabalho digno, com a produção de alimentos.

Nesse sentido, reitera-se o compromisso presente nas lutas do MST, ao promover um amplo diálogo com a sociedade sobre a importância da Reforma Agrária, como meio de produção agrícola sustentável, contrapondo o modelo de agricultura convencional que envenena, desmata e adoece o Planeta, deslegitimando as relações sociais históricas com a terra. Assim, cabe ressaltar a relevância da transição agroecológica construída diuturnamente pelas famílias camponesas, que produzem saberes, sistemas, arranjos e territorialidades, a partir de uma agroecologia militante articulada, com autonomia e autosustentabilidade local para alimentar a população brasileira.

Referências

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista NERA**, Presidente Prudente, Ano 13, nº. 16, pp. 22-32, Jan.-jun. 2010.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia:** as bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

AMIN, Samir. Contemporary Imperialism and the Agrarian Question. Agrarian South: Journal of Political Economy I (I) 11-26. **Centre of Agrarian Research and Education of South**. SAGE Publications. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington D.C. 2012.

BIASE, L. de. **Agroecologia, campesinidade e os espaços femininos na unidade familiar de produção**. Dissertação de Mestrado. Piracicaba, CENA ESALQ USP, 2010.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**: o que é – o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOMBARDI, Larissa Mies. Intoxicação e morte por agrotóxicos no Brasil: a nova versão do capitalismo oligopolizado. **Boletim Data Luta**, v. 45, p. 1-21, 2011.

BOMBARDI, Larissa Mies. **Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia.** 1. ed. São Paulo: Laboratório de Geografia Agrária, 2017.

BOVÉ, José; Dufour François. **O mundo não é uma mercadoria:** camponeses contra a comida ruim; entrevista com Gilles Luneau. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

CEPOLINI, Eliana. I. S.; FERREIRA, Gustavo H. Cepolini. **Agroecologia, Alimentação e Saúde:** um diálogo possível e necessário. 1. ed. São Paulo: Entremares, 2014.

COSTA, Sandra H. G. **A questão agrária no Brasil e a bancada ruralista no Congresso Nacional.** Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). USP: FFLCH, 2012.

COSTA NETO, C. e CANAVESI, F. Sustentabilidade em assentamentos rurais: o MST rumo à "reforma agrária agroecológica" no Brasil? In: ALIMONDA, H. **Ecología política:** naturaleza, sociedad y utopía. Buenos Aires: Clacso, 2003.

FABRINI, João Edmilson; MARCOS, Valeria de. **Os camponeses e a práxis da produção coletiva.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FERNANDES, Bernardo Mançano. O MST e as reformas agrárias do Brasil. **Boletim DATALUTA**. Artigo do mês: dezembro de 2008. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes/12artigodomes_2008.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

FERREIRA, Gustavo Henrique Cepolini; CEPOLINI, Eliana. I. S. A territorialização das feiras orgânicas e agroecológicas no Brasil: algumas leituras sobre a construção de um mercado camponês. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online),** v. 203, p. 14-26, 2018.

FORCHESATTO, Raquel. **Feiras da reforma agrária:** concepções sobre a atuação das mulheres na produção agroecológica. Dissertação (Mestrado em História). Chapecó: UFFS, 2018.

MARCOS, Valeria de; FABRINI, João Edmilson. **Os camponeses a práxis da produção coletiva**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARCOS, Valeria de. Campesinato, modo de vida e território. In: CARLOS, Ana Fani Alessandra; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (Orgs.). **A necessidade da Geografia.** São Paulo: Contexto, 2019.

MST. O Brasil precisa de reforma agrária: as propostas dos movimentos e as promessas e compromissos do governo Lula. **Caderno de Formação**, n. 36. São Paulo: MST, 2005.

MST. **Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, MST - 2019**. Disponível em <http://www.mst.org.br/III-feira-nacional-da-reforma-agraria/l>. Acesso em: 28 out. 2019.

OLIVEIRA, A. U. de. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. In: Dossiê Desenvolvimento Rural. Universidade de São Paulo. **Instituto de Estudos Avançados**. Vol. 15, nº 43, setembro/dezembro 2001. p. 185-206.

PEREIRA, Viviane Guimarães et. al. A feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG). **REVISTA CIÊNCIAS HUMANAS**, v. 10, p. 67-78, 2017.

POLANYI, K. **Subistência do Homem e ensaios correlatos**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

RIBEIRO, E. M. (coord.). **Feiras do Jequitinhonha**: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semiárido de Minas Gerais. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

SIQUEIRA, Deyvison L.; FERREIRA, Gustavo Henrique Cepolini. Produção de sementes de hortaliças agroecológicas: o caso da BIONATUR nas áreas de assentamentos do MST no norte de Minas Gerais. **Geopauta**, v. 3, p. 111, 2019.

ZAVASKI, C. C. **Cooperação Agrícola em Assentamentos de Reforma Agrária no Norte de Minas:** o caso da Cooperativa Camponesa Veredas da Terra. Monografia (Graduação em Agronomia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Ciências Agrárias. Belo Horizonte, 2009.